

TREVISAN, A. L. *O espelho fragmentado de Carlos Fuentes*. São Paulo: Ed. Universidade Presbiteriana Mackenzie / Mackpesquisa. 2008.

Maria Luiza Guarnieri Atik

O livro *O espelho fragmentado de Carlos Fuentes* de autoria de Ana Lúcia Trevisan apresenta uma leitura crítica do romance *Terra nostra* (1975), destacando as inter-relações discursivas entre a história e a literatura, entre história e os paradigmas míticos.

O romance *Terra nostra* de Carlos Fuentes, ganhador do premio Rômulo Gallegos em 1977, com sua narrativa labiríntica suscitou – desde a sua publicação – e ainda suscita diferentes impactos em seus “desavisados” leitores e em seus “avisados” críticos, ao entrelaçar diferentes momentos da História da Espanha e da América.

Uma imagem que se solidifica nas páginas de *Terra Nostra* é a de Felipe II, trancafiado em seu Escorial em construção. Esta imagem evoca o absolutismo espanhol do século XVI e alude ao tipo de poder empreendido durante a Conquista e Colonização das terras e dos povos do Novo Mundo. O encontro entre Espanha e México, e as relações multiculturais originadas podem ser vistas como uma das motivações fuentianas. No entanto, segundo a autora, *Terra Nostra* vai mais longe. A discussão implica uma visão ampla dos poderes absolutistas e dos esforços utilizados para sustentá-los. A História para Fuentes caminharia em um ritmo de *corsi* e *recorsi*, como propõe o filósofo G. B. Vico, do século XVIII. Pelos movimentos espiralados podem entrelaçar-se Felipe II, Moctezuma, Franco ou Tibério César. Percebe-se um eixo simbólico – de poder arbitrário - recorrente nestas figuras que surgem nas páginas de *Terra Nostra* diante da eminência da destruição de seus impérios. Para Ana Lúcia, Fuentes discute a questão do poder, ou melhor, do poder que se afirma como legítimo mediante a elaboração de uma verdade histórica, de uma narrativa.

Desvendando os porquês da retomada de certos momentos da História, inicia-se a aventura dos porquês da intenção e da elaboração estética que a autora passou a considerar como uma perspectiva de espelho fragmentado da realidade, e da própria História. O espelho fragmentado traduziria a composição estética do romance, as múltiplas formas de contar a História. Fuentes subverte as diferentes narrativas compiladas no romance inventando, rompendo e reorganizando-as sob uma forma caótica.

Utilizando a imagem do espelho e da fragmentação, Ana Lúcia discute se aquilo que aceitamos como “verdade” também estaria relacionado aos mecanismos pertinentes às construções das narrativas históricas e literárias, ou seja, às intenções de or-

ganizar ou desorganizar, e, claro, à verossimilhança. Para autora, Terra Nostra não discute a verdade da História ou a mentira da ficção, mas explora os mecanismos utilizados para construir as narrativas que se legitimam como verdade e ficção.

A leitura do espelho fragmentado exige uma percepção crítica; o leitor passa a ser o segundo construtor do espelho. Cada leitura pode multiplicar-se, pois a fragmentação e o reagrupamento dos segmentos históricos e literários, dispostos no romance, se duplicam ou se triplicam com as diferentes leituras. Segundo a pesquisadora, relemos criticamente a História através do estudo exegético do autor e também a lemos criticamente quando nos deparamos com as novas possibilidades para legitimá-la. As invenções, as distorções de Fuentes apontam para uma proposição hermenêutica complexa, onde o conteúdo e a forma se entrelaçam de sentidos.

Como destaca a autora, ao longo do romance vários personagens se apresentam como narradores, como aqueles que vão contar a história que segue; alguns inclusive surgem como escritores da história: o Cronista que recebe os escritos de Frei Julián, o historiador de Tibério César e mesmo Celestina, talvez a narradora que possui o principal fio condutor do relato. Nas estruturas mínimas do texto tem-se o questionamento da autoridade dos narradores-testemunhas da História, presente nas vozes de Felipe II ou do relato do Peregrino.

Para a ensaísta, momentos históricos, construções narrativas históricas, míticas e literárias se justificam na obra como motivações de Fuentes. A intenção do espelho fragmentado é romper com as formas oficiais da composição destas narrativas provocando o questionamento da forma de narrar, que tantas vezes passa por legitimação de uma pretensa verdade.

É o leitor, como bem assinala Ana Lúcia, não sai do labirinto de Terra Nostra enquanto não aceita que pode ser construtor de labirintos. Cada porta de saída de Fuentes propõe outro labirinto. Aceitando-se como construtor, pode-se, então, entrar e sair inúmeras vezes. Quando a atenção do leitor se volta, não para a tentativa de abarcar todas as referências temáticas, mas sim para a crítica quanto aos mecanismos implícitos na elaboração das narrativas, perde, então, o receio de transitar pela Terra nostra de Fuentes.

Concomitantemente à análise cuidadosa e percuciente do romance Terra nostra de Carlos Fuentes, Ana Lúcia Trevisan estabelece um diálogo denso entre o referido romance e o conjunto da obra fuetiana ficcional e ensaística.